



# *ORGANOGRAMA OFICIAL CARNAVAL VIRTUAL 2019*

*Liga Independente das Escolas de Samba Virtuais - LIESV*

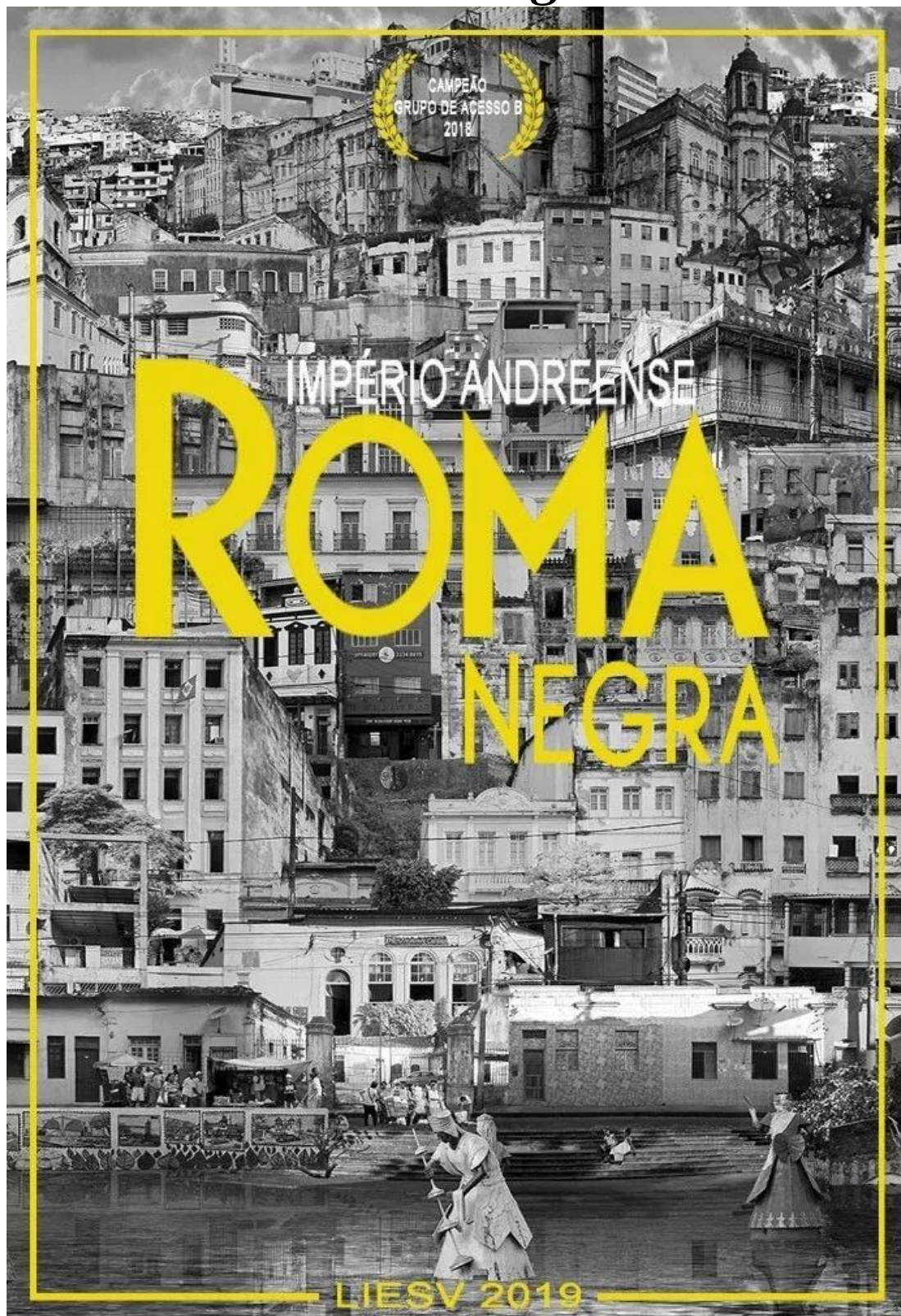
*Presidente: Ewerton Fintelman  
Vice Presidente Administrativo: Murilo Sousa  
Vice Presidente Artístico: João Salles*

# G.R.E.S.V. IMPÉRIO ANDREENSE



**PRESIDENTE**  
Henrique Torres

# “Roma Negra”



**CARNAVALESCO**

Leandro Ramos

*Tema-Enredo (Título do enredo e subtítulos se houverem)\**

Roma Negra

*Carnavalesco\**

Leandro Ramos

*Autor(es) do Enredo\**

Leandro Ramos

*Elaborador(es) do Roteiro do Desfile\**

Leandro Ramos

*Outras Informações Julgadas Necessárias (fontes de consulta, livros etc)\**

Nada a acrescentar.

# SINOPSE DO ENREDO

## Roma Negra

Nas margens de lá e nas margens de cá, ecoam choros e sofrimentos,  
Da África ao Brasil se tem um rio<sup>1</sup> manchado com as dores de um povo;  
Negreiros em crueldades, gênese insurgente aos infinitos lamentos,  
Onde “a sombra da voz da matriarca”<sup>2</sup> protege os Rômulos e Remos deste império novo.  
E no desembarque a todo plural se denominou de nagô.  
Na imponente diáspora atlântica, o encontro do mundo afro com o português se fez Salvador.

Chegaram de lá em ciclos como escravos, mas ricos de cultura e tradições,  
Vindos da Guiné, Angola, Costa da Mina, Benin e outros mais;  
Braços negros obrigados a erguer sacros monumentos entre os açoites e grilhões.  
Para sustenta e amamentar a branca nação cristã e seu dito legado de paz.  
Na alta construíram a riqueza e a beleza de uma cidade colossal,  
Na baixa manteve-se a resistência e a vivência de um legado imortal.

Os negros desterritorializados lutaram para manter sua fé,  
Na união de diversos cultos, no velho engenho se estabeleceu o primeiro terreiro;  
No Ilê Iyá Nassô o preto se reterritorializou na roda de candomblé,  
E nos colos das grandes mães se consolidou culto afro-brasileiro.  
O panteão dos deuses negros é refletido na cidade de todos os santos,  
Onde Exu guarda todos os caminhos e Oxum é a mãe padroeira com todos os seus encantos.

“O preto norte-americano forte” tomou as ruas de revolução, contra a opressão em busca de liberdade,  
Marcou seu espaço nas procissões, nas capoeiras e nos tabuleiros;  
Foi a inspiração dos “alvos” gênio, que expressaram na arte toda a sua baianidade,  
Desceu a ladeira com “o mais belo dos belos”<sup>3</sup> em um cortejo de bravos guerreiros.  
Espalhou os afoxés, “seguiu o Olodum balançando o Pelô” numa festa que nunca vai terminar,  
E transformou o solo soteropolitano na grande ágora da herança de Dodô e Osmar.

Na “Meca da negritude” o desigual ainda fere os direitos da criança,  
A alma jovem é mira, é alvo nesse território de morte;  
A mãe triste labuta na casa grande, reprimindo seus sonhos e esperança,  
Levando no bolso um patuá, pedindo pra seus filhos proteção e sorte.

Mas o negro resiste e segue na luta, e inspira seus iguais a crescer,  
No esplendor da Roma negra ele Veio, Viu, e vai vencer! <sup>4</sup>

### Glossário

- Rio<sup>1</sup> – o termo faz referência ao oceano Atlântico, que era comumente chamado de grande rio pelos negros escravizados;
- A sombra da voz da matriarca<sup>2</sup> – trecho da canção Recôncavo de Caetano Veloso, faz referência ao continente africano como a grande mãe da humanidade;
- Rômulo e Remos – segundo a mitologia romana Rômulo e Remo eram irmão gêmeos e filhos de deuses, foram abandonados e criados por uma loba. Possuem sua representatividade ligadas a fundação da cidade de Roma;
- Nagô – originalmente faz referência ao povo loruba – grupo étnico-linguístico da África ocidental -, mas também foi a designação comum dada a todo negro que desembarcava na condição de escravo nos portos da Bahia;
- Grilhões – corrente de metal formada por anéis em forma de cadeado; Algemas de mãos ou de pés;
- Diáspora – palavra de origem grega, que significa deslocamento, dispersão voluntária ou forçada dos povos por motivos políticos, econômicos ou religiosos; mas para os povos negros diáspora é o nome que se dá ao fenômeno ou a experiência vivida por descendentes africanos nas Américas, na Europa e em outros lugares e o rico patrimônio cultural que construíram;
- Colossal – que tem volume, altura ou proporções gigantescas, descomunal, vastíssimo;
- Desterritorializados – ato ou efeito de desterritorializar; anular ou reduzir os limites territoriais. Desterritorializar uma etnia é a melhor maneira de vê-la desaparecer;
- Ilê Iyá Nassô – da língua loruba “Casa Branca do Engenho Velho” foi primeiro terreiro de Candomblé fundado em Salvador;
- Panteão – conjunto de deuses de um povo, de uma religião politeísta;
- Exu – o orixá da comunicação, da paciência, da ordem e da disciplina. É o guardião das aldeias, cidades, casas e do axé, das coisas que são feitas e do comportamento humano; Segundo Jorge Amado no livro “Bahia de Todos os Santos” Exu guarda todos os caminhos da cidade de Salvador;
- Oxum – orixá da água doce, dona dos rios e cachoeiras, cultuada no candomblé e também na umbanda. É a padroeira da cidade de Salvador, no sincretismo religioso ela é Nossa senhora da Conceição;
- O mais belo dos belos<sup>3</sup> – canção do álbum “O Canto da Cidade” de Daniela Mercury lançado em 1992; faz referência ao bloco Ilê Aiyê, o mais antigo bloco afro do carnaval de Salvador. Fundado em 1974 por moradores do bairro do Curuzu;
- Olodum – é um bloco-afro do carnaval de Salvador, foi fundado em 25 de abril de 1979. É uma organização não governamental (ONG) do movimento negro brasileiro. Desenvolve ações de combate à discriminação social, estimula a autoestima e o orgulho dos afro-brasileiros, defende e luta para assegurar os direitos civis e humanos das pessoas marginalizadas, na Bahia e no Brasil.
- Pelô – como é popularmente chamado O Pelourinho, bairro de Salvador, localiza-se no Centro Histórico da cidade;
- Afoxés – é um cortejo de rua que sai durante o carnaval; é uma manifestação afro-brasileira com raízes no povo loruba, onde geralmente seus integrantes são vinculados a um terreiro de candomblé;
- Soteropolitano – habitante ou natural da Cidade de Salvador BA;
- Ágora – termo grego para representar a praça central ou local de encontros, assembleias ou manifestações na antiguidade;

– Dodô e Osmar – foram uma dupla de músicos formada por Adolfo Antônio do e Osmar Álvares Macedo, à eles é atribuída a invenção do trio elétrico;

– Meca – cidade da Arábia Saudita considerada a mais sagrada no mundo para os muçulmanos; segundo alguns estudiosos Salvador seria a Meca da religiosidade negra;

– Patuá – amuleto muito utilizado por pessoas ligadas ao Candomblé, feito de um pequeno pedaço de tecido na cor correspondente ao Orixá, ao qual é bordado o nome do mesmo, e colocado um determinado preparo de ervas e outras substâncias atribuídas a cada divindade.

– Veio, Viu, e vai Vencer <sup>4</sup> – é uma variação da frase em latim “Veni, Vidi, Vici”, atribuída ao general e cônsul romano Júlio César em 47 a.C.; E é popularmente associada a uma consolidação ou vitória indiscutível.

**Autoria do Samba-Enredo\***

Tatu Maluco

**Letra do Samba-Enredo (repetições devem ser destacadas e em negrito)\***

No mar de lamentos, um choro  
 Sofrimento e saudade de um povo  
 Que atravessou nas correntes da maldade  
 Opressão e crueldade num império novo  
 Nagô desembarca em Salvador  
 De Guiné, Benin, Angola, da Costa da Mina  
 Braços negros no açoite da senzala  
 Uma voz que não se cala ante a tirania  
 Pra sustentar uma nação sem cor  
 Que não sabia o que era a dor

***OUÇA O TOQUE DESSE TAMBOR******DESSE OGAN MANDINGUEIRO******ÔÔÔÔ... NO ILÊ YÁ NASSÔ******OS ANCESTAS SAUDAVAM ESSE TERREIRO***

No colo da mãe afro brasileira  
 Uma raiz do candomblé se fez  
 Na cidade de todos os santos  
 Vencendo os quebrantos mais uma vez  
 Exu vai abrir os caminhos  
 Oxum vai trazer os seus encantos  
 Nas procissões, capoeiras e tabuleiros  
 “Baianidade” de um povo guerreiro



E na ladeira, o Afoxé e o Olodum

E no “Pelô”, herança de Dodô e Osmar

A negritude é exemplo de esperança

É resistência contra a intolerância

***SOU FILHO DE FÉ, GUERREIRO DO AXÉ***

***IMPÉRIO DE LUTA E CORAGEM***

***A NEGRITUDE QUE JAMAIS SE RENDERÁ***

***A ROMA NEGRA NO TOQUE DO ATABAQUE***

*Defesa do Samba (se a escola julgar necessário)*

# ROTEIRO DO DESFILE

**Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver) \***

Alas – 21  
Alegorias – 04  
Mestre Sala e Porta Bandeira – 02  
Guardiões de Casal de MS & PB – 01

**Organização dos elementos de desfile (a setorização é obrigatória; alas obrigatórias devem ser devidamente discriminadas) \***

## **Setor 1 – Raízes africanas**

*Comissão de Frente – Gênese da negritude.  
Ala 01 – Baianas - A matriarca da Roma negra.  
Alegoria 01 – A diáspora no Atlântico.*

## **Setor 2 – “Opressão e crueldade no império novo”**

*Ala 02 – Velha Guarda – Cultura e tradição.  
Ala 03 – "Nagô desembarca em Salvador; De Guiné, Benin, Angola e da Costa da Mina".  
Ala 04 – Braços Negros.  
Ala 05 – Mucamas.  
Ala 06 – Sacros monumentos.  
Alegoria 02 – O colosso Soteropolitano.*

## **Setor 3 – “A Roma Negra no toque do atabaque”**

*Ala 07 – A divina fé.  
Ala 08 – "No Ilê Ya Nasso" o primeiro terreiro.  
Ala 09 – Baianinhas – "No colo da mãe afro brasileira".  
Guardiões do casal de MSPB – Candomblé.  
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – “Exu vai abrir os caminhos, Oxum vai trazer seus encantos”.  
Ala 10 – Bateria - Ogan mandingueiro.  
Ala 11 – A cidade de todos os santos.  
Alegoria 03 – O panteão dos deuses negros.*

## **Setor 4 – “Baianidade de um povo guerreiro”**

*Ala 12 – A revolta Malê.  
Ala 13 – Nas procissões.  
Ala 14 – Nas capoeiras e nos tabuleiros.  
Ala 15 – Inspirado gênios da arte.  
2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – "O mais belo dos belos" é o Ilê Aiyê.  
Ala 16 – Olodum balançando o Pelô.  
Alegoria 04 – A ágora da baianidade.*

---

---

*Setor 5 – “Resistencia contra a intolerância”*


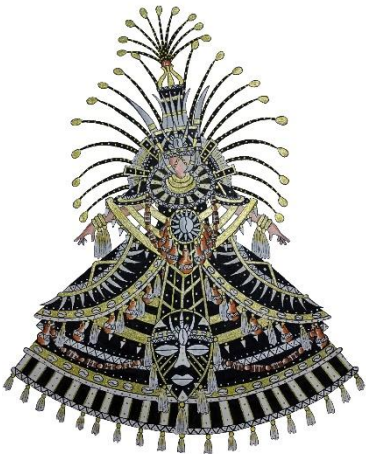
*Ala 17 – O abandono dos direitos das crianças.*

*Ala 18 – Jovens no território de morte.*

*Ala 19 – Senhora do lar alheio.*

*Ala 20 – Existe, resiste...*

*Ala 21 – ...E inspira seus iguais.*

<b>Criador dos Desenhos</b> Nome do artista: Leandro Ramos	
<b>Nome do Elemento</b>	<b>O que representa</b>
<b>Comissão de Frente – Gênese da negritude.</b> 	<p>A comissão de frente do Império Andreense apresenta figurativamente a gênese africana, mostrando de forma estilizada e simbólica a origem das raízes negras e sua ancestralidade. No caráter de representatividade a narrativa busca estabelecer um ponto de partida da presença africana, e suas relações com o meio, que formam a base do conhecimento empírico desse povo. A África é tida como o berço da humanidade, tendo comprovações arqueológicas da presença humana anterior a 10 000 ac; tendo o norte do continente tido como o local mais antigo do mundo (presença humana), sendo a origem dos fluxos migratórios para as demais partes do planeta. Assim a escola retorna a esse ponto de origem para iniciar um novo fluxo que será a narrativa do desfile; que mostrará a presença e importância do povo negro na formação da cidade de Salvador na Bahia, que possui a alcunha de Roma Negra, por ser a cidade com a maior quantidade de negros fora do continente africano (tanto em números percentuais, quanto absolutos)</p> <p>A fantasia faz referência ao povo do Vale do Omo na Etiópia, tido como o sítio arqueológico mais importante e antigo do mundo. E busca apresentar, uma coreografia mais orgânica utilizando capas com grafismo encontrado no local. As capas de alguns componentes formam o título do enredo a ser apresentado no desfile que se segue.</p>
<b>Ala 01 – Baianas - A matriarca da Roma negra.</b> 	<p>As tradicionais baianas do Império Andreense representam as matriarcas da Roma Negra, ou seja, a próprio continente africano. A África é grande mãe de todas as locais para onde os negros foram levados e disseminaram sua cultura. Cultura está baseada principalmente nas reações humanas com a natureza, e mostra também o quão rico era os diversos povos e reinos que ocupavam o continente antes das invasões europeias.</p> <p>A fantasia faz referência as primeiras riquezas matérias que despertaram a cobiça estrangeira no continente; o ouro e o marfim, possui também elementos ritualísticos como colares, búzios e cabaças, misturando elementos rústicos e sofisticados. As cores escuras com o dourado formam toda este primeiro setor do desfile.</p>
<b>Alegoria 01 – A diáspora no Atlântico.</b>	<p>O abre alas do Império Andreense apresenta um</p>







conjunto alegórico contextualizando a chamada diáspora negra. Baseado no termo grego que significa deslocamento; dispersão; o povo negro ressignificou, e a diáspora representa todo conjunto de experiências que seus ancestrais estabeleceram nos diversos pontos do planeta que eles foram levados forçadamente, além do conjunto de saberes que estes possuíam do seu território de origem.

Assim a narrativa do desfile apresenta a partida dos povos negros – na condição de escravos – para as américas. Esse fluxo escravagista era dominado sobretudo pelos portugueses, que em números não oficiais levaram mais de 10 milhões de africanos para trabalhar forçadamente em sua colônia mais importante, o Brasil. Uma das preocupações dos traficantes de escravos era desconectar as raízes (crenças, dogmas, saberes) de suas “mercadorias” de seus antigos locais de moradia, pois isso não era bem-vindo no além-mar. Assim há relatos de crueldades ocorridos desde a captura, e principalmente nos mercados para onde os africanos recém capturados eram levados para serem “doutrinados” antes dos embarques, sobretudo obrigado eles a negarem suas verdades religiosas.

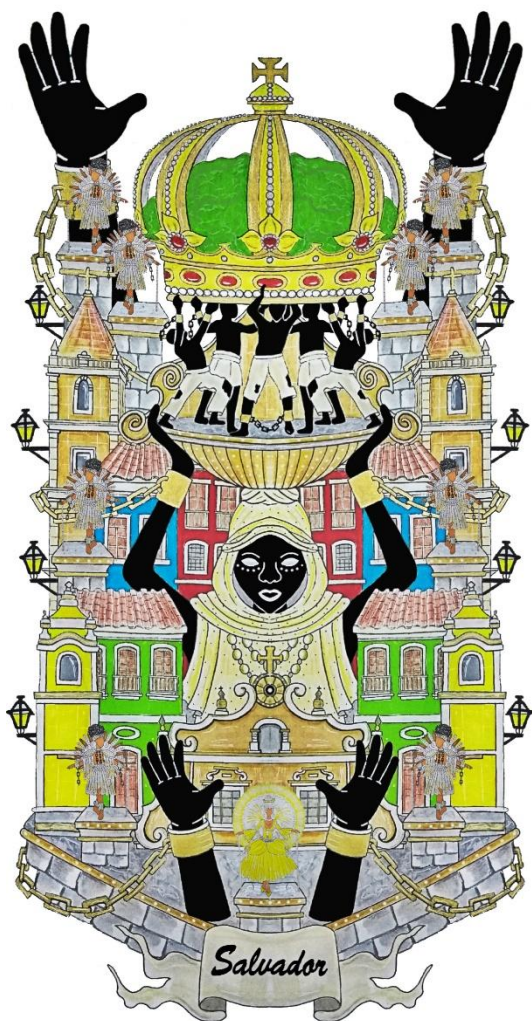
A alegoria apresenta em sua parte frontal um navio negreiro estilizado, navegando no “mar de lamentos” ou grande rio, como era denominado o oceano atlântico pelos negros nos mercados de escravos da costa da Mina, no golfo da Guiné, um dos principais entrepostos escravagista do mundo na época. As velas da embarcação de forma alegórica são formadas pelas correntes da maldade, logo após se apresenta esculturas com um apelo dramático, mostrado o sofrimento de um povo, as condições degradantes do cárcere e da travessia. O mercado de escravo vem encerrado essa primeira parte. A segunda parte da alegoria – após o mercado de escravo - representa a riqueza cultural dos povos negros escravizados e tudo aquilo que eles traziam com sigo nos negreiros. Assim a alegoria representa como se a diáspora africana estivesse navegando no atlântico. Todas as esculturas e elementos matérias contidos na alegoria foram baseados em objetos expostos em museus europeus – Museu Britânico em Londres – e EUA - Museu Field de História Natural em Chicago – mostrando o quanto a diáspora foi saqueada pelas grandes potencias. Os escudos representam os vários povos que formavam- e ainda formam o continente africano. A coroa de marfim – mais importante riqueza material do

	<p>continente no período – simboliza os impérios que existiam ali além de ser um dos símbolos da agremiação. A escola faz uma opção estética em marcar as esculturas de todas as alegorias com a cor totalmente negra, sem grandes detalhes e expressão.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- As composições primeira parte: Negros escravizados;</li> <li>- As composições segunda parte: Cultura africana</li> <li>- Destaque: A diáspora negra.</li> </ul>
<p><b>Ala 02 – Velha Guarda – Cultura e tradição.</b></p> 	<p>Abrindo o segundo setor que narra a presença africana na cidade de Salvador capital do Brasil na época, e suas contribuições para o crescimento econômico da mesma, a velha guarda representa a cultura e tradição que desembarcou com os eles na colônia. Apesar de serem duramente obrigados a esquecerem seus aspectos culturais africanos, estes povos traziam consigo uma diversidade de conhecimentos e crenças que foram disseminados aos poucos na cidade, e que a caracterizaram. Assim para alguns antropólogos a fundação de Salvador – culturalmente – ocorreu no desembarque dos negros no século XVI.</p> <p>O conhecimento ancestral é de vital importância para os povos do continente negro, assim os sábios Andreenses representam toda essa riqueza cultural da tradição negra.</p> <p>A fantasia faz referência aos trajes dos nobres Iorubanos, principal povo que desembarcou como escravo na cidade. Esse povo foi denominado de “nagô”, posteriormente de forma genérica do negro que desempacava na cidade recebeu essa denominação.</p>
<p><b>Ala 03 – "Nagô desembarca em Salvador; De Guiné, Benin, Angola e da Costa da Mina".</b></p> 	<p>Na Bahia, segundo Pierre Verger, o tráfico dos escravos foi dividido em quatro períodos: I - Ciclo da Guiné – costa oeste da África – ao norte da linha Equador durante a segunda metade século XVI; II - Ciclo de Angola e do Congo no século XVII; III - Ciclo da Costa da Mina nos três primeiros quartos do século XVIII; IV - Ciclo da Baía Benin, entre 1770 e 1850, incluindo aí a fase da ilegalidade, ou seja, o tráfico clandestino.</p> <p>Ao chegar ao solo brasileiro, não só a liberdade do negro africano era perdida definitivamente, mas também os seus laços familiares, sociais e culturais. A tristeza, saudade, a nostalgia e a depressão, muitas vezes chamada de banzo, refletiam o desejo dos africanos de retornar à terra natal, ao lugar de origem de onde fora retirado à força.</p> <p>Povo africano mesmo como dito a cima vindo de diversas partes do continente receberam a</p>

	<p>denominação de nagô, termo que representa apenas os africanos de origem ioruba, isso de forma proposital, e logo esse termo tornou-se pejorativo representando que não importava as origens de quem ali chegava.</p> <p>O conjunto de fantasia representa a riqueza africana presa nos grilhões e mordanças, em quatro cores, representando estes quatro ciclos.</p>
<p><b>Ala 04 – Braços Negros.</b></p> 	<p>A tirania portuguesa que estabeleceu aquela que é tida como a mais cruel e desumana forma de escravidão já praticada na história, baseou a economia da colônia e posteriormente do império brasileiro na exploração da mão de obra negra. A cidade de Salvador recebia os negros que eram levados para as lavouras do recôncavo e localidades próximas, além das plantações ao redor da capital. Trabalho negro foi sem dúvida o pilar de sustentação da cidade durante seus primeiros séculos. O comércio de mão de obra escrava por muitos anos foi a principal fonte de riqueza das famílias que formavam a “sociedade baiana”.</p> <p>A fantasia faz referência aos negros escravizados e assim como a ala anterior traz correntes – elemento que marcará todas as alas desse setor -, possui também cana-de-açúcar representando a principal cultura de exploração na colônia, moedas de forma estilizadas, e mão negras com os punhos fechados, representando a resistência a essa condição.</p>
<p><b>Ala 05 – Mucamas.</b></p> 	<p>Mucama era a designação dada, no Brasil, a negra escrava escolhida para auxiliar em serviços domésticos ou fazer companhia a pessoas da família, geralmente as sinhás. Eram responsáveis por manter as regalias dos brancos, cuidavam das crianças – muitas eram amas de leite -, limpeza das residências, lavagem de roupa, etc. Eram duramente punidas quando não cumpriam com quaisquer ordens ou não a executavam do agrado do seu senhor. Mucamas também eram tratadas como objeto sexual de seus senhores ou como recompensa a outros escravos com certos privilégios.</p> <p>A fantasia possui cores mais “apagadas” como era comum a época e trás de uma forma carnavalesca os trajes das jovens moças negras. Além de uma criança no colo referindo a suas obrigações domésticas e cestas na cabeça e nas costas, representando uma outra atividade exercida por elas, o chamado comércio de ganho, onde elas pelas ruas da cidade vendendo produtos diversos –</p>

	<p>frutas e peixes geralmente -, onde a renda era entregue ao seu senhor, que poderia lhe dá uma parte ou não.</p>
<p><b>Ala 06 – Sacros monumentos.</b></p> 	<p>A mão de obra negra foi massivamente usada na construção física de Salvador, as moradias, obras públicas e tempos religiosos foram em sua grande maioria erguidas por ela.</p> <p>A ala representa a utilização dessa mão de obra na construção dos chamados sacros momentos. As famosas igrejas de Salvador têm muito de sua origem em construções modestas que forma erguidas por nativos ou colonos pobres. Porem esses grandes templos que conhecemos hoje foram construídos pelos negros. A igreja católica possuía escravos, assim como lavouras onde eles trabalhavam para a mesma, apesar de possuir poucos registros dessa relação. A pesar disso os padres ou responsáveis pela construção ou ampliação das igrejas, solicitavam as famílias da cidade que ordenassem seus escravos a fim de construí-las. Isso ocorriam em longas jornadas de trabalho.</p> <p>A fantasia representa uma igreja genérica da cidade e um escravo com uma marreta que era utilizada para quebra as pedras que seriam transportadas para erguer os templos. A cor dourada representa a riqueza contida nessas igrejas, sobretudo para adornar seu interior. Volutas e asas estilizadas representam traços do chamado Barroco Baiano, estilo arquitetônico utilizado no período.</p>
<p><b>Alegoria 02 – O colosso Soteropolitano.</b></p>	<p>A segunda alegoria mostra a importância do povo</p>





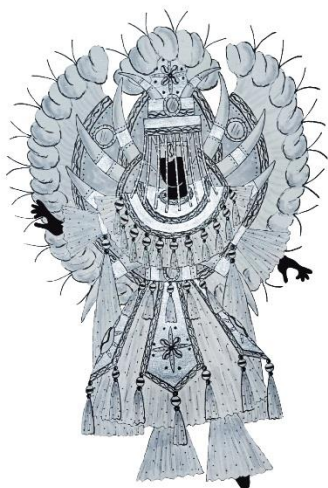
negro para o sustento e crescimento da cidade de Salvador. Como resumo das últimas alas que antecedem, o carro alegórico apresenta a vastidão das famosas fachadas da cidade entrelaçadas pelas correntes daqueles que foram responsáveis por ergue-las. O chamado colosso soteropolitano (centro histórico) é formado por uma série de construções ao estilo colonial, que são mundialmente conhecidos. Apesar do termo soteropolitano ser utilizado apenas a partir do século XX optou-se por nomear a alegoria dessa forma devido que ainda hoje mais de 80% dos trabalhadores da construção civil de Salvador ainda serem negros e que ainda ocorrem inúmeros casos de exploração humana nessas obras.

A alegoria traz a frente a muralha construída como proteção da cidade desde sua fundação 1549, em seguida algumas representações de fachadas inspiradas na igreja do Carmo – fachada central baixa – e igreja de São Francisco – Igreja ao fundo com grandes torres-, onde há relatos que muitas vidas negras foram sacrificadas para ergue-las. Fachadas típicas do bairro do Pelourinho enriquecem o visual. Ao centro apresenta-se uma grande negra de ganho, com vestisses inspiradas nos escravos de origem mulçumanos – os ditos malês -, pois além da cidade possuir um grande número desse grupo, era muito comum a época mulheres negras se vestirem assim mesmo não professando a religião, pois se sentiam de certa forma mais protegidas, pois a cidade de Salvador possuía um grande número de ataques de violência sexual as negras. Ela carrega um grupo de escravos que sustentam a coroa do império Luso-brasileiro. Mostrando que era a escravidão que sustentava o Império.

- As composições: Cidade baixa;
- Destaque: Cidade alta.

**Ala 07 – A divina fé.**

O terceiro setor da narrativa debruça-se sobre



presença africana na religiosidade da Roma Negra, aliás, essa denominação foi aplicada pela primeira vez por Mãe Aninha em 1937, para representar que assim como Roma é a capital da Religião católica, local onde fica o mais importante cargo dessa religião – o papa. Salvador teria essa mesma importância para a religião africana, sobretudo o candomblé.

A transmissão de saberes que ocorreu após os desembarques, dos negreiros foram duramente (brutalmente em vários casos) punidos na cidade. Entretanto os negros buscavam manter seus laços religiosos de forma secreta.

A fantasia representa esse espírito de devoção a suas divindades e convicções apesar de todas as punições para nega-las. Com livre inspiração o traje traz referência aos deuses do culto banto e ioruba. A cor branca representará todo este setor, pois ela possui importâncias religiosas para grande parte desses cultos. Búzios e chifres de animais contribuem para enriquecer esta representação.

**Ala 08 – "No Ilê Ya Nasso" o primeiro terreiro.**



Na reunião simultânea de cultos de várias divindades num mesmo local deu origem a fundação do primeiro terreiro de Candomblé, o Ilê Iyá Nassô – ocorrida na última década do século XVIII, ou nas primeiras décadas do século XIX. Segundo registros princesas, na condição de escravas, vindas de Oyo e Ketu, fundaram um centro num engenho de cana, Iyá Nassô, umas das fundadoras desse centro resolveu arrendar terras do Engenho Velho do Rio Vermelho de Baixo, no trecho chamado Joaquim dos Couros, lugar onde se encontra até hoje.

Ilê Ya Nasso que em ioruba significa Casa Branca do Engenho Velho, é um terreiro dedicado a Oxóssi, mais que possui o templo central dedicado a Xangô, orixá esse que seria responsável pelo axé – energia vital – desde a fundação do terreiro.

A fantasia faz referência a Xangô orixá da justiça, pois a ele teria sido solicitado por trazer o axé aquele culto que ali se iniciava. A vestimenta traz também uma máscara africana em uma das mãos, simbolizando os ancestrais que ali seriam saudados. O templo central possui em sua cobertura uma oferenda e o oxé – machado – dedicados a xangô, que também estão presentes na fantasia – no adereço de cabeça e na outra mão.

**Ala 09 – Baianinhas – "No colo da mãe afro brasileira".**

Como disse Mãe Aninha, que Salvador seria a Roma negra pela importância religiosa da cidade,





pode-se dizer que este fato se deu sobretudo pela presença das grandes matriarcas que foram responsáveis pela afirmação e difusão dos saberes destes cultos. No colo dessas grandes mulheres cresceu o conhecimento e a importância da chamada religiosidade afro-brasileira, principalmente o candomblé. Os estudos e busca pela forma mais pura dos dogmas simbólicos desses rituais as caracterizavam, e elas ganharam a mesma importância para estes cultos, como o papa tem na religião católica.



Dentre algumas dessas mulheres destaca-se três, que serão representadas pela ala das baianinhas, Mãe Senhora, Mãe Menininha do Gantois e Mãe Stella de Oxóssi.

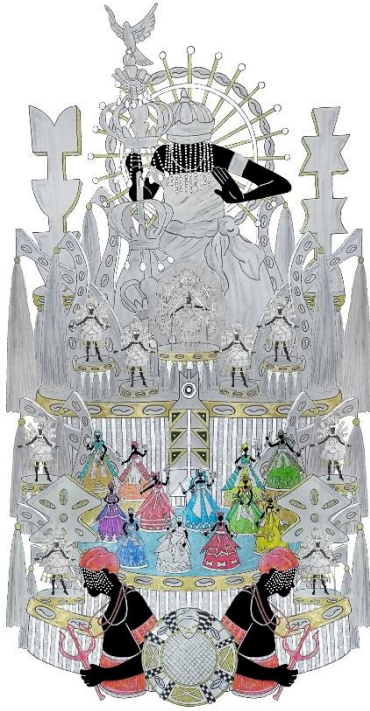
Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora de Oxum Muiwã, foi a terceira Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, respeitadíssima pelas grandes autoridades baianas da primeira metade do sec. XX, ela foi a grande responsável pela erudição dos cultos afros. Os grandes intelectuais da época – Carybé, Jorge Amado, Dorival Caymmi, Pierre Verger, etc. - se aconselhavam com ela, e a mesma os orientavam a pesquisarem e instituir relação real e histórica entre os terreiros da Bahia e os da África.

Maria Escolástica da Conceição Nazaré, Mãe Menininha do Gantois, filha de Oxum. Foi a mais famosa ialorixá da Bahia e uma das mais admiradas mães-de-santo do país. Ela foi a grande responsável por modernizar o candomblé, abrindo seu terreiro a brancos e católicos e mostrando de forma mais didática possível a importais e etapas dos cultos. Lutou durante anos pelo fim da lei de jogos e costumes que só permitiam os cultos negros com autorização policial - que não estavam dispostos a fazer isso. Ela convidava e levava policiais e autoridades aos terreiros para eles verem a importância ancestral daquele culto. Conseguindo que a lei fosse extinta em 1970.

Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxóssi, foi a quinta Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá. Grande autoridade de cultura africana ela foi uma das responsáveis pelas Conferências Mundial de Tradição dos Orixá e Cultura, onde lançava suas ideias sobre a importância do sincretismo para o futuro da religião afro-brasileira. Viajou aos templos e casas de orixás em Oshogbo na Nigéria, buscando comprovar e confrontar os cultos ancestrais e as atuais praticas tanto no Brasil como na África. Publicou livros sobre cultura africana e ritos do candomblé, ela foi a última grande mãe da Bahia, falecendo no fim de

	<p>2018.</p> <p>A fantasia representa de forma estilizada um traje típico de Ialorixá em dias de festa e traz três versões de panos da costa, um dedicado a Xangô, outra a Oxum e o terceiro a Oxóssi. Representando os orixás de cabeça e de terreiro das três. Xangô é o orixá a qual o terreiro do Ilê Axé Opó Afonjá é dedicado, a pesar de Mãe senhora ter sua cabeça consagrada a Oxum, a Mesma usava o pano da costa nas cores vermelhas em respeito ao orixá de seu terreiro. Tanto Mãe Menininha quando Mãe Stella usavam seus panos da costa em referência a seus orixás de cabeça, como a ala vem representando.</p>
<p><b>Guardiões do casal de MSPB – Candomblé.</b></p>	
	<p>Candomblé que significa dança com atabaques, é uma religião afro-brasileira derivada de cultos tradicionais africanos dirigido a forças da natureza personificadas na forma ancestrais , tendo suas divindades denominadas de orixás, voduns ou inquices, dependendo da nação. Inicialmente reprimido pela sociedade escravocrata, pela Igreja Católica, pelo Estado e rejeitado pela sociedade;</p> <p>Originário dos povos da porção central da África, principalmente o grupo Ioruba. O candomblé tornou-se a principal forma de religião de origem africana na cidade de Salvador.</p> <p>Os guardiões do primeiro casal fazem referência a Oxalá a principal divindade desse culto e como é comumente orientado a fazer a representação do mesmo.</p>
<p><b>1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – “Exu vai abrir os caminhos, Oxum vai trazer seus encantos”.</b></p>	
	<p>O primeiro casal do Império Andreense representa duas divindades do candomblé que são associados a proteção da capital da Bahia: Exu e Oxum. Segundo Jorge Amado no seu livro Tenda dos Milagres, Exu o orixá mensageiro é o responsável por abrir os caminhos da cidade e ele guarda todas as portas de Salvador. Associada à Nossa Senhora da Conceição, Oxum é a padroeira da cidade, orixá da beleza e do ouro, era é a grande mãe protetoras de todos que ali residem e a ela pedem proteção.</p> <p>A Fantasia é baseada nas fotos de Pierre Verger dos cultos de candomblé nos terreiros de salvador. As vestimentas representam as pessoas que trajam e incorporam a divindade, assim como nas fotos, as roupas possuem variações para o branco em relação aquilo que é comumente associado a iconografia desses deuses. O mestre sala tem as cores – vermelho e preto - e ferramentas associado a iconografia de Exu, o gorro para atrás, cabaças também são elementos que remetem a ele. A porta bandeira caracteriza pela cor dourada ligada a</p>

	Oxum, além de ter na saia e na mão o abebe – espelho – que é a ferramenta associada a orixá.
<b>Ala 10 – Bateria - Ogan mandingueiro.</b>	
	<p>A bateria da escola representa os famosos tambores da Bahia, ou tambores de além-mar. Os toques de atabaques e alguns outros instrumentos africanos são parte fundamental para os ritos dos cultos negros. Com o crescimento de terreiros de candomblé na cidade de Salvador, esses sons eram ecoados por grande parte da cidade em “dias santos”, assim esses toques ganharam certa fama e caracterizaram a capital.</p> <p>A fantasia da bateria faz referência a um dos cargos mais importantes do terreiro de candomblé, o Ogan. Ele é responsável por tocar os atabaques sagrados e conduzir musicalmente o culto que se segue, ele não incorpora. O traje apresenta uma visão tradicional a esse cargo com vários elementos, típicos desses rituais. O elemento de cabeça traz o tambor sagrado, búzios e colares contribuem para a composição da roupa.</p>
<b>Ala 11 – A cidade de todos os santos.</b>	
	<p>A miscigenação é uma das principais características do culto na cidade de Salvador. Dizem que lá as pessoas entram pelas portas das igrejas e saem pelos terreiros. A presença de uma livre associação das diversas formas de culto é um dos aspectos que contribuem para isso. A fantasia traz referência aos cultos afros com signos do catolicismo. Fitas presentes as festas do Bomfim – que teve origem nos cultos negros - contribui para essa mistura. Conhecimento dos saberes das ervas também contribui para esse aspecto miscigenado, pois muitos cristãos procuram terreiros ou pessoas ligadas aos cultos afros para serem benzidas ou tomar banhos em busca de renovação ou alguma cura.</p>
<b>Alegoria 03 – O panteão dos deuses negros.</b>	O conjunto mais famoso e cultuado de divindades



negras na Bahia são os orixás do povo Ioruba. Muito presente no dia a dia do povo de Salvador, esses deuses possuem associações a elementos da natureza. O conjunto desses deuses – e de outros também – é denominado de panteão. Assim a Roma negra reflete a presença dessas divindades. Um dos simbólicos dessa presença é a chamada baía de Oxum, ou Dique do Tororó – único manancial natural da cidade -, onde em 1998 foram colocadas oito esculturas do artista Tatti Moreno de orixás sobre o espelho d’água – Oxalá, Xangó, Oxum, Oxóssi, Iemanjá, Iansã, Nanã e Ogum – além de outras quatro que ficam na margem – Logun Edé, Euá, Ossain e Oxumaré.

A narrativa carnavalesca apresenta esse panteão dos deuses negros no reflexo das águas sagradas da baía de Oxum, local tido como portal místico para o mundo dos deuses – orum. Assim a alegoria traz Exu a frente abrindo os caminhos e pedindo passagem para a apresentação das outras divindades. Os orixás apresentam-se como nas esculturas em tamanho humano colocadas exatamente na mesma posição como estão dispostas no Dique do Tororó, também sobre um espelho d’água, que simboliza a parte refletida. As poses das esculturas foram inspiradas nas aquarelas de Carybé, e as roupas nas esculturas do Dique. Em seguida surge uma grande figura de Oxalá que reina sobre todos e traz o equilíbrio e o conhecimento para os homens e deuses. Ao seu lado possuem dois totens do artista baiano Rubens Valentim, representando os orixás masculinos e os femininos.



- As composições: Sagração aos orixás;
- Destaque: A luz de oxalá.

### Ala 12 – A revolta Malê.



O quarto setor dessa narrativa mostra como a presença negras nas ruas da cidade de Salvador influenciou na formação da identidade cultural da mesma. A escravidão sempre foi combatida e teve inúmeras formas de resistência dos negros a ela. A principal que ganhou as ruas da cidade foi o chamado levante malê.

Escravos de maioria muçulmana – os malês – se organizaram para fazer um levante nos 25 de janeiro de 1835. Onde buscavam estabelecer o poder na cidade e criar uma cidade baseado nas crenças islâmicas. Uma das formas de se reconhecerem enquanto planejavam a ação era por meio de colares com símbolos da religião. A revolta foi denunciada um dia antes, e os líderes tiveram que agir às pressas. Ela foi duramente reprimida pela polícia local, guarda imperial e por

	<p>civis que temiam um levante de escravos. Apesar dessa ação não ter sido bem-sucedida ela serviu de inspiração para várias outras que ganharam as ruas da cidade contra a escravidão.</p> <p>A fantasia mistura trajes de guerreiros islâmicos com trajes rudimentares. As lanças que foram a principal arma dos revoltosos e o colar pelo qual eles se reconheciam fazem parte do figurino.</p>
<p><b>Ala 13 – Nas procissões.</b></p>	<p>O cunho religioso também ganhava as ruas da cidade, sobretudo nas manifestações aos orixás, os chamados “dias santos”. Onde negros entregavam suas ofertas nas cacheiras, lagos, mar e encruzilhadas. Inicialmente elas foram muito perseguidas e violentamente punidas, mas com o passar do tempo as manifestações ganharam cada vez mais adeptos e hoje formam uns dos mais importantes eventos do calendário da cidade.</p> <p>A fantasia faz referência a uma baiana devota levando flores como oferendas no seu balaio.</p>
	
<p><b>Ala 14 – Nas capoeiras e nos tabuleiros.</b></p>	<p>As capoeiras e os tabuleiros são marcas definitivas da influência negra nas ruas de Salvador;</p> <p>A capoeira foi criada no século XVII pelo povo escravizado da etnia banto, mistura dança com arte marcial. Os famosos quitutes das baianas são herança das escravas de ganho que vendiam suas comidas afim de conseguir junta dinheiro para comprar sua liberdade. No tabuleiro da Baiana contém as mais significativas manifestações da culinária baiana, como o vatapá, acarajé, caruru entre outros.</p> <p>A fantasia masculina representa as capoeiras e a feminina a culinária contida nos tabuleiros, ambas formas inspiradas nas vestimentas tradicionais desses grupos.</p>
	



### Ala 15 – Inspirado gênios da arte.



A relação dos negros nas ruas da cidade na primeira metade do século XX foi grande inspiração para quatro gênios da arte: Carybé nas artes plásticas, Jorge Amado na Literatura, Pierre Verger na fotografia e Dorival Caymmi na música. Estes artistas brancos respeitando e observado os negros do dia a dia, desenvolveram suas artes. A fantasia faz referência a um negro do cais, ou porto que foi muito retratado na obra dos quatro, eles trazem na mão estandartes com as imagens dos gênios citados a cima.





**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – "O mais belo dos belos" é o Ilê Aiyê.**



**Ala 16 – Olodum balançando o Pelô.**

O Ilê Aiyê, ou Ilê, é o mais antigo bloco afro do carnaval de Salvador. Fundado em 1974 por moradores do bairro do Curuzu, constitui um grupo cultural que promove a expansão da cultura de origem africana no Brasil. A expressão significa, em dialeto afro O mundo. "O mais belo dos belos" como ficou conhecido na canção homônima interpretada por Daniela Mercury é um dos principais eventos que ganham as ruas de Salvador no período do carnaval.

A fantasia do segundo casal faz referência as origens africanas e é composta pelas cores usadas pelo bloco, amarelo, vermelho e preto.

O Olodum é um bloco-afro do carnaval. Foi



fundado em 25 de abril de 1979 durante o período carnavalesco como opção de lazer aos moradores do Pelourinho, garantindo-lhes assim, o direito de brincarem o carnaval em um bloco e de forma organizada. Ele também é um importante projeto social, que busca a valorização da cultura negra. Os tambores nas cores preto, amarelo, vermelho e verde, ficaram mundialmente conhecidos após o clipe *They Don't Care About Us* de Michael Jackson. Que contribuiu com a visibilidade desse importante bloco.

A fantasias traz elementos do bloco como o tambor, o símbolo e o cabelo rastafári, já que o mesmo é um bloco de samba reggae.

#### Alegoria 04 – A ágora da baianidade.



A quarta alegoria apresenta as ruas de Salvador como a grande ágora – praça- da baianidade. As manifestações de cultura negra que outrora foram muito perseguidas hoje formam a identidade do povo de Salvador, a imagem de como a cidade é reconhecida nacional e internacionalmente está diretamente associado a presença negra.

A narrativa carnavalesca apresenta o carro alegórico trazendo diversas dessas manifestações. A frente se tem estandartes com diversos blocos afros, representado as diversas comunidades “guetos” que formam a Roma negra. Esculturas de baianas quituteiras e capoeiristas são exemplos da diversidade que se encontra nas ruas. Ao fundo se tem a representação dos trios elétricos que caracterizam o carnaval da cidade. O trio elétrico surgiu em 1951, criado por Dodô e Osmar, que deixaram de herança um “palanque” enorme para mostrar a cultura baiana para todo o mundo. Os blocos afros ganharam os trios com o advento do Axé music, nos anos 80 e 90 do século XX, levando consigo canções que falam de suas realidades religiosidade e valorizando a raça negra.

Composições: Foliões

#### Ala 17 – O abandono dos direitos das crianças.

O último setor que narra a presença e importância dos negros na cidade de Salvador, se debruça



pelos dados estatísticos de como a população negra vive nos dias atuais. Todas as informações que baseiam as alas a seguir são tiradas de pesquisas oficiais e de Ongs realizadas nos três últimos anos na Roma negra.

As crianças negras ainda sofrem muitos preconceitos em todas as cidades do Brasil, principalmente aquelas que habitam as ruas. A cidade de Salvador é considerada dentre as capitais aquela que pior cuida de suas crianças de rua. Mais de 90% dessas crianças são negras e se estima que mais 20 mil pessoas moram nas ruas da cidade, entretanto os dados oficiais do governo do Estado da Bahia apenas reconhecem que 14 mil pessoas moram nas ruas de todo o estado, sendo que sua grande maioria estariam nas cidades de interior. A prefeitura da capital não apresenta dados e não reconhece a presença dessas pessoas, disponibilizando apenas 600 leitos em abrigos, número que a mesma já disse ser mais que suficiente. Assim as crianças negras de rua da cidade não possuem nenhum tipo de amparo social, tendo seus direitos totalmente abandonados.

A fantasia traz uma representação de uma criança de ruas entre os lixos, trajada com a camisa de um dos times de futebol mais populares da cidade entre farrapos, tentando se “virar” entre os sinais da cidade, a mercê da violência e das drogas. O figurino também traz uma indagação a uma frase dita pelo presidente da república, mostrando que os governos não fazem nada diante daquilo que eles não reconhecem existir.

#### Ala 18 – Jovens no território de morte.



A população jovem negra da cidade passa por um grave problema de violência urbana. Dados de 2018 apontam que dentre as 7.487 vítimas de assassinatos registrados naquele ano, 6.798 eram negros (90%) e 4.522 tinham entre 15 e 29 anos. Isso tornou-se mais alarmante quando se percebe que estes números cresceram 118% na última década. A grande maioria desses crimes ocorrem nos chamados “territórios de morte” – comunidades carentes dos subúrbios de Salvador, baixa taxa de desenvolvimento social -, onde os jovens negros sentem-se como alvos.

A fantasia apresenta um jovem negro, trajando um a camisa de outro time de futebol da popular da cidade, sendo alvo constante das violências.

#### Ala 19 – Senhora do lar alheio.

As mulheres negras da Roma negra, ainda estão a



mercê das desigualdades de trabalho e salário, em comparação as brancas e principalmente aos homens. O trabalho doméstico da região metropolitana de Salvador é realizado por 110 mil trabalhadores sendo que 96,8% são mulheres negras, e que apenas cerca de 49% desse número tem seus direitos respeitados. Das que não são registradas a grande maioria são acuadas e levadas a acreditarem aquela condição é a única solução para a mesma, tendo que exercer jornadas de trabalho além do que realmente são remuneradas.

A fantasia apresenta de uma forma genérica o figurino de uma empregada doméstica, e traz vassouras, balde e pano de chão caracterizando seus trabalhos; entretanto a mesma apresenta-se amordaçada e com o esplendor com braços atados, mostrando os direitos cerceados. “Negra Fulô”, faz referência ao poema de Joao de Lima, que apresenta que a rotina de uma negra que sofria com os desmandos de seus senhores e deveria permanecer calada diante aquilo.

**Ala 20 – Existe, resiste...**



Contrapondo a todos esses dados, a população negra de Salvador apresenta-se como uma das mais atuantes em buscas da consolidação de seus direitos, na luta pela igualdade e contra a discriminação. Esses grupos se organizam em ONGs ou comunidades, sobretudo para servir de apoio e inspiração para o empoderamento negro, não só da cidade mais de todo estado.

A fantasia faz referência as manifestações de cultura urbana, que mistura a identidade africana, indígena e traços futuristas, misturadas com a bandeira do estado da Bahia. A ala apresenta-se como uma passeata popular – comum na cidade em casos de desigualdade. Todas as frases contidas nos cartazes (placas), foram retiradas de manifestações que ocorreram na cidade recentemente. Onde pedem pelo fim da violência e o tratamento (abordagem) que é dada não apenas da população negra da cidade mais de todo país.

**Ala 21 – ...E inspira seus iguais**

O esplendor da Roma negra se dará quando a



população negra for tratada com igualdade com respeito que a narrativa desse desfile provou que ela deva ter. Para mostrar que esse futuro está em curso optou-se por encerrar essa narrativa carnavalesca com um dos dados mais importantes dos últimos anos. Segundo pesquisa de 2019, 75,6% dos alunos de universidade pública de Salvador são negros, e que 70% das crianças negras que convivem com alguém que estuda em uma delas, planejam ingressar em uma instituição também. Isso mostra que a educação será o caminho da “vitória” do povo negro na sua diáspora do atlântico. Projetos como o Vale do Dendê, que estimula e financia pesquisas de desenvolvimento tecnológico de jovens negros dão esperança que no futuro o negro terá seu papel de protagonista nas mais diversas áreas da cidade. A fantasia faz referência a uma foto muito compartilhada nas redes sociais onde jovens com seus cabelos afros empunhavam com orgulho seus diplomas de ensino superior. Mostrando que a educação traz a dignidade tanto almejada. A bandeira de Salvador compõe o figurino da ala.

**Nome Completo da Escola\****Grêmio Recreativo Escola de Samba Virtual Império Andreense***Presidente Administrativo da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)\****Henrique Torres***Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)\****Leandro Ramos***Intérprete(s) da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)\****Ewerton Fintelman***Demais Membros Internos da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual e respectivo cargo na escola, se houver)\*****Autores do Samba-Enredo da Escola\****Tatu Maluco***Data de Fundação da Escola\****23/08/2011***Cores da Escola\****Verde, Amarelo, Azul e Branco***Símbolo da Escola\****Brasão de Santo André, Dois Tigres, Coroa***Texto de Apresentação da Escola (máximo de 05 linhas)\***

*Após sua segunda ascensão para o grupo de acesso A, uma das escolas mais antigas da atualidade do carnaval virtual vem para se manter de vez em busca do grupo de elite da LIESV, sua fundação em 2011 teve como base a cidade de Santo André após muitos altos e baixos enfim pegamos o rumo certo. A Agremiação optou por manter a fórmula que trouxe a vitória, um enredo afro, desta vez teremos como pano de fundo a Bahia.*

**Título do Enredo\****Roma Negra***Autor do Enredo\****Leandro Ramos***Breve Resumo do Enredo (máximo de 10 linhas)\***

*O Império Andreense apresenta para o carnaval virtual 2019 o enredo Roma Negra. Apresentando a importância e influência dos negros na formação da identidade da cidade de Salvador – A cidade com maior população negra fora da África. Mostra que os negros vindos do continente africano trouxeram consigo os saberes e crenças de uma rica cultura que foi muito perseguida por suas convicções.*

*Mostraremos também o papel do negro na condição d escravo para a construção da cidade. O desenvolvimento na capital da Bahia da religiosidade afro-brasileira, das manifestações que ganharam as ruas e que hoje são os símbolos da identidade do povo baiano e encerrando mostrando a realidade do povo negro nos dias atuais.*